

O porteiro Denilson e a quarentena mortífera (XII)

O edifício tem dois porteiros chefes. Primeiro falei de Raimundo, agora falarei de Denilson. A gestão sindical, nem sei como dizer, condominial, gestão gerencial, predial, gestão gestional do condomínio do prédio onde moro é estranha. Algo similar à Coreia do Norte. Pior, porque lá tem o King Jon-un. Na edificação da Barata Ribeiro tem uma espécie de King Jon-dois. Raimundo e Denilson.

Raimundo reivindica o posto primordial por causa de seu pai, Nonato, maranhense, porteiro desde o habite-se. Denilson, seis meses mais novo, reivindica a primazia por causa de seu pai cearense, Nelson, mestre de obras da construção do gigante de 240 apartamentos no início dos anos '50 (onde hoje moro). Se a quarentena se prolongar além do que já se prolonga, talvez eu dedique algumas linhas a esse embate de Kings Jons.

Hoje quero falar de Denilson. Nesses últimos doze anos em que aqui vivo, até dois meses atrás quando começou essa quarentena, sempre achei Denilson o porteiro exemplar. Nunca acreditei em paraíso, salvo duas ou três vezes que passei uns três dias com Marli (minha mulher) em Cabo Frio, nesses 20 anos de casado, mas Denilson sempre me pareceu o porteiro do paraíso.

O guardião exemplar, com sua pequena bíblia no bolso da camisa, azul clarinho ou branca, de mangas compridas, cabelos sempre bem cortados à Hair Club, sorriso comedido mas nunca ausente, gestos compassados com toques delicados não tão pronunciados a ponto de despertar suspeitas, frases cuidadosamente proferidas para não ferir os ouvidos nem deixar de fazer vibrar as membranas timpânicas ao ponto, a gentileza pronta sem ser ostensiva nem submissa, a mão amiga a acolher a sacola do Mundial ou do HortiFruti, porta do elevador aberta no tempo certo de um grand prix do saudoso Aírton Senna, sapatos engraxados tal como na antiga Galeria Cruzeiro antes da Avenida Rio Branco - o porteiro perfeito do paraíso, escolhido a dedo por São Pedro ou Silas Malafaia, ainda não sabemos -.

Pois, há dois exatos meses de quarentena, Denilson degradingolou. A bíblia em cima da mesa da portaria do tamanho da Enciclopédia Barsa, a camisa encardida, cabelos desgrenhados cheio de pontas, sorriso ausente cara amarrada, gestos descompassados, frases desconexas, carranca submissa, a mão distante das sacolas de compras, porta do elevador abandonada à própria sorte, sapatos desgovernados - o porteiro à beira de um ataque de nervos -. *“Denilson, tudo bem com você?”* Silêncio ... Insisti ... Silêncio ... Quando eu já havia desistido ele falou: *“Seu Domi, o pastor pediu três meses de dízimo adiantado na quarentena, e eu ‘tô quebrado...”* Saí meio sem graça, tentando alcançar rápido o elevador e só deu tempo de eu falar: *“Jesus vai dar um jeito...”*

